

AULAS LÚDICAS DE HISTÓRIA NA
ESCOLA SILVIO PATERNEZ EM TANGARÁ DA SERRA – MT
LESSONS OF HISTORY IN THE LEISURE
IN SKOOL SILVIO PATERNEZ TANGARÁ DA SERRA – MT

Sergio José Both¹

RESUMO: A problemática em trabalhar com atividades lúdicas com os alunos da quinta a oitava série, demanda ainda mais esforço do professor porque para realizá-lo plenamente, primeiramente deve-se conhecer a cultura da comunidade em que a escola está inserida. O objetivo das atividades lúdicas são suas práticas, manifestações sociais, tradições, e ter o aval dos pais, porque as apresentações lúdicas precisam ser preparadas pelos alunos com a presença do professor. O lúdico não está apenas no ato de brincar, está também no ato de ler, no apropriar-se da leitura e do conteúdo que a literatura de história destaca nas obras didáticas, como forma natural de descobrimento e compreensão do mundo. A metodologia das atividades de expressão lúdico-criativas atraem a atenção dos estudantes na escola Silvio Paternez, que vivenciaram inúmeras experiências lúdicas nas aulas de História em 2006 a 2008, cujas atividades como teatro, dança, paródia se constitui em um mecanismo de potencialização da aprendizagem. O professor poderá propor algo que pistas, caminhos que agrega valores à maioria dos alunos. Em nossas aulas, propusemos uma atividade que envolvia música, movimentos corporais, debate e reflexão. Como tema transversal em todas as apresentações era “A PAZ”. Algumas alunas não se sentiram confortáveis para participar, uma vez que muitas faziam parte de uma religião cuja doutrina condenava movimentos corpóreos em público, mas mesmo assim assistiam as apresentações e davam palpites, então de uma forma eles estavam envolvidos. Algumas atividades com música e dança também eram bem vindas, especialmente quando se tratava de músicas que demandavam maior reflexão, uma vez que a comunidade escolar apoiava essas aulas parcialmente, sendo que cada professor podia se apropriar das atividades lúdicas realizadas em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Lúdico; História; teatro; dança; paródia.

ABSTRACT: The problematic playful activities with students from fifth to eighth grade, demand even more effort because of the teacher to realize it fully, you must first know the culture of the community in which the school is located, its practices, social events, traditions, and have the endorsement of parents, because the need to be entertaining presentations prepared by the students with the teacher's presence. The purpose of recreational activities are just the act of playing, is also in the act of reading, the appropriate reading and literature content that highlights the history textbooks as a natural way of discovery and understanding of the world. The methodology of activities novelty creative expression attract the attention of students Paternez Silvio Municipal Center, who experienced numerous recreational experiences in the lessons of history from 2006 to 2008, whose activities such as theater, dance, parody constitutes a mechanism of potentiation learning. The teacher may propose something that tracks, paths that adds value to most students. In our classes, we propose an activity that involved music, body movements, debate and reflection. As a cross-cutting theme in all presentations was "PEACE". Some students did not feel comfortable to participate, since many were part of a religion whose doctrine condemned body movements in

¹ Professor Efetivo de História do Centro Municipal Silvio Paternez, interino na UNEMAT Filosofia e Sociologia com licenciatura plena em Filosofia, Mestrado em Educação UNIC e UFMT, Doutorado em Educação - UFU, e-mail: sergioboth@hotmail.com.

public, but still watched the presentations and gave guesses, so in a way they were involved. Some activities with music and dance were also welcome, especially when it came to songs that demanded further consideration, since the school community supported these classes partially, each teacher could take ownership of the recreational activities conducted in the classroom.

KEYWORDS: Playful; History; theater; dance; Parody.

Sumariando, todo o aluno é um ser pensante de alguma forma, e pode beneficiar-se de atividades lúdicas, em qualquer segmento da sociedade tanto pelo aspecto de diversão e prazer, quanto pelo aspecto da aprendizagem, na escola, no interior da sala de aula, em discussões de História. As reflexões de história provocam indagações, questionamentos, interrogações nos discentes nas aulas de história. A História como disciplina não dá respostas prontas, acabadas, calculadas, mas mostram e direcionam caminhos, pistas para que os alunos descubramas melhores vias, até entender além do conteúdo, as entrelinhas da história e os saberes que são proporcionados em sala de aula, aos discentes, presentes das diversas e diferentes esferas sociais, etnias e religiões.

O objetivo do artigo visa indicar conhecimentos pertinentes para aulas diferentes e a importância das atividades lúdicas em aulas de história desenvolvidas no Centro Municipal Silvio Paternez em Tangará da Serra durante cinco anos de experiências e práticas pedagógicas com alunos das séries finais, ou seja, da quinta a oitava série de 2006 a 2008, atualmente seria do sexto ao nono ano.

Para os alunos foi um desenvolvimento fantástico principalmente para exposição oral das falas de cada um, na inibição, coragem, oralidade, discurso, e numa perspectiva social, criativa, afetiva, cultural e histórica. Dizia o estudante: “eu nunca vi teatro e hoje faço teatro na escola” (J. S. aluno da 7ª série, 2006). Outro aluno da (A. Q. aluna da 6ª serie) afirma: “Meu avô também nunca viu teatro”. Posso convidar o avô para assistir a apresentação do teatro. Logo cedo o avô estava na escola. Dirigiu-se a mim pedindo se podia assistir o teatro do neto, lembrando as palavras do avô: “Eu nunca assisti teatro na minha vida e hoje vi meu neto. Estou feliz e achei maravilhoso, e nunca mais esquecerei”.

Podemos entender a riqueza e o prazer que o avô teve em prestigiar o neto nas cenas cênicas, e os aplausos no final da peça eram de realização e satisfação. Além do avô, em outras salas de aulas mães e pais algumas vezes assistiam os teatros dos filhos. Muitas mães ajudavam a elaborar e montar as peças de teatro nas casas dos alunos e faziam parte do processo como um todo. Ouvia-se muitos depoimentos de mães satisfeitas com o trabalho lúdico desenvolvido nas aulas de História. Tornou-se necessário compreender e relacionar as atividades como um espírito lúdico ao desenvolvimento dos alunos, em uma articulação entre a teoria e a prática. De acordo com Huizinga (2000, p. 111):

Não pretendemos penetrar no difícil problema de saber até que ponto o próprio processo do raciocínio é marcado por regras lúdicas, ou seja, se é válido apenas dentro de uma certa área na qual é aceite a obrigatoriedade dessas regras.

Com a citação reforça que o raciocínio é marcado por regras lúdicas e as diversas atividades diferenciadas o estudante vai descobrindo o espírito lúdico das aulas de história desenvolveu-se várias capacidades, com os estudantes para o bem estar das aulas e exploramos questionamos regras e papéis sociais como discussões de qualidade em proporcionar no aluno um senso crítico e filosófico para um melhor entendimento social.

Baliza-se que nas atividades lúdicas enquanto espírito incorporado ultrapassa a realidade, transformando a personalidade pela imaginação em atitudes que melhoram a situação do Ser humano e pensante no trabalho e na família. A incorporação do espírito lúdico nas aulas de história foi motivada por teatros, paródias e danças em práticas pedagógicas. Com auxílio do professor cabe desenvolver diferentes posturas e atividades que contribuem para inúmeras aprendizagens à ampliação da rede de significados construtivos tanto para crianças como para os jovens.

Na construção educativa e a participação do professor presente nas atividades e organizações de grupos de estudo, nos ensaios para os teatros e paródias eram constantes. Através de leituras específicas e vivências de atividades práticas, reconhecendo como utilizar atividades lúdicas no âmbito escolar, permitindo um melhor direcionamento no trabalho pedagógico (PCN, 1994).

Durante as atividades lúdicas o professor observa a personalidade do educando, o seu comportamento individual em grupo e o ritmo do desenvolvimento. O ato de divertir-se vai oportunizar as vivências às vezes inocentes e simples da essência lúdica de crianças, jovens e adultos.

Durante as aulas notava-se a cada bimestre nos estudantes o aumento da auto-estima, o autoconhecimento de suas responsabilidades e valores, a troca de informações e experiências corporais e culturais, por meio de atividades de socialização. Ainda é oportunizado aos discentes o enriquecimento de suas próprias capacidades, mediante estímulo à iniciativa, à melhoria nos processos de comunicação e principalmente a optar por ações que incentivem a criatividade, que é certamente uma característica e um objetivo fundamental da atividade lúdica desenvolvida em sala de aula, seja ela uma brincadeira, jogo, brinquedo nesse caso: teatro, paródia, dança e confecção de materiais para as apresentações.

Toda a atividade lúdica aplicada em diversas faixas etárias, necessariamente é planejada previamente sobre os riscos, mas, pode sofrer interferência em seu procedimento de aplicação como

de uma sala à outra, porque cada sala de aula é única, pelos seus atores que possuem personalidades próprias e nas metodologias de organização e no ministrar de suas estratégias, de acordo com as necessidades específicas das faixas etárias. As atividades lúdicas têm capacidade de gerar desenvolvimento de várias habilidades, proporcionando a criança divertimento, prazer, convívio profícuo, estímulo intelectual, desenvolvimento harmonioso, autocontrole e auto-realização.

O educador deverá propiciar a exploração da curiosidade dos alunos, incentivando o desenvolvimento da criatividade, das diferentes formas de linguagem, do senso crítico e de progressiva autonomia.

O lado lúdico, criativo e interesse em cada estudante está dentro Ser como um espírito invisível em ajudá-las a crescerem e serem felizes, fazendo das atividades lúdicas na educação dos alunos excelentes instrumentos facilitadores do ensino-aprendizagem.

O espírito das atividades lúdicas em plenas aulas de história, juntamente com a boa pretensão dos educadores, são caminhos que contribuem para o bem-estar, entretenimento das crianças, garantindo-lhes uma agradável estadia na escola. Certamente, a experiência dos educadores, além de somar-se com as experiências que os discentes estão propondo, irá contribuir para maior alcance de objetivos no plano educativo.

Para contextualizar melhor o professor deve estimular os alunos além dos saberes pensantes são atores e podem representar vários papéis nas atividades lúdicas. Desenvolvendo competências e novas possibilidades de personalidade e maturidade. O professor não pode esquecer que antes de ser aluno, é uma criança aprendiz, com necessidades específicas, inerentes a sua faixa etária. Em sua fragilidade, reflete desajustes e desafios de nosso conturbado mundo de adultos, e não podemos fazer que eles sejam adultos antes do tempo. A criança aprendiz não é uma máquina de pensar, contar, registrar na memória, rememorar e mecanicamente seguir passos, mas pode desenvolver seu próprio raciocínio, naturalmente, adquirir a habilidade de pensar com independência.

Para os alunos das séries finais do ensino fundamental é uma conquista progressiva de construção de ações do saber no decorrer de sua vida. Nessa fase o saber humano começa a construir uma lógica sobre as coisas. Ele pensa concretamente cada problema à medida de que vai entrando em contato com ele.

O professor busca afinidades com os alunos e sabe que devemos educar para compreender e educar para conhecer as informações. Isso implica construção da própria inteligência e na capacidade de raciocínio. Sendo assim, a escola em sua filosofia quer formar alunos em cidadãos capazes críticos e autocríticos, Seres capazes de pensar criativamente, transformando ações, que se posicionem perante outros e respeitem o posicionamento de cada um.

Compete ao educador organizar sua sala de aula de modo a torná-la um ambiente propício para os discentes, sintam-se parte integrante do processo através de experimentos, de interações com

colegas, isto como situação rotineira, em que ele sinta que a aprendizagem requer o seu esforço pessoal, que vem do seu interior.

Criar atividades lúdicas é despertar no aluno que a linguagem seja espontânea, porém com liberdade e direção e não permitir que ele faça o que quiser sem saber aonde chegar. A sinceridade com o aluno é fundamental para que ele confie no educador, ele irá adquirir confiança quando se sentir envolvido por afeto e compreensão. Não faça elogios falsos, faça críticas seguras, para sentir-se capaz de prosseguir em seu processo de desenvolvimento.

É importante referir que a acção pedagógica se exerce sempre numa relação de comunicação. A inculcação (acto de sugerir significações deduzidas de um princípio universal lógico ou biológico) e a imposição (poder arbitrário de impor um arbítrio cultural) são conceitos presentes na acção pedagógica e que não pertencem ao conceito de comunicação, pois esta pressupõe uma relação de igualdade entre os interlocutores que não se encontra presente na relação pedagógica (BOURDIEU E PARSEURON, p. 5).

De acordo com os autores, o professor deve garantir as informações pedagógicas em todos os aspectos que podem impedir ou facilitar o processo de instrução. É fundamental que em um processo educativo, a criança faça relações com o mundo em que vive, enriquecendo-o e trazendo-lhe formas inventivas para resolver dificuldades que possam surgir. A escola necessita ter um plano prático-eficaz, onde a postura acadêmica do educador ceda lugar à postura do educador ativo, criativo, envolvido com as mudanças das estruturas sociais em vigência.

Resumindo Apple (1989, p.76) quando afirma que o caminho da construção do conhecimento do professor sobre o ensino, dois pontos são relevantes para a orientação do raciocínio que o espaço de representação em que vive; e a outra é o espaço que é constituído, de um lado, pelas concepções que o professor vai acumulando sobre o ensino com referencia ao conhecimento sistematizado transmitido, em cursos, práticas pedagógicas adquiridas no magistério e nos cursos de formação em serviço.

O ser professor nas séries finais em uma escola era necessário conhecer o currículo como matéria prima do trabalho e de assumir a responsabilidade em colocá-lo em ação mantendo o compromisso com a qualidade de ensino. Pois, cada escola possui um currículo comum. Por outro lado, assume uma forma de responder às exigências do trabalho, e a escola toma decisões sobre o que fazer com os alunos, e este fazer é concernente a um contexto educativo que se apresenta na maioria das vezes como um conjunto de problemas a serem enfrentados e que exigem respostas em torno das atividades que são trabalhadas e discutidas no grupo escolar.

Para o professor a sala de aula é parte do todo, estar inserido numa instituição educativa, que, por sua vez, está filiada a um sistema educacional, que também é parte de um sistema sócio econômico, político e cultural. É dentro da sala de aula que o trabalho docente se torna evidente.

É nessa arena de quatro cantos, o local constituído para a realização do ensino formal e sistematizado, que o professor se encontra como o grupo de discentes. O espaço físico pode se transformar em vários procedimentos e práticas pedagógicas e dinamizadas pela relação pedagógica porque registra, em situação concreta, a maneira de se viver esta relação. O espaço físico da sala de aula é o lugar onde as atividades acontecem e o professor deve garimpar tudo que está ao seu alcance. Como segue a afirmação (BOURDIEU *apud* ARAÚJO, 1986, p. 47):

Garimpar o pedagógico significa, a nível teórico procurar discutir para aprofundar as felizes formulações embora incipientes, que já apareceram nos últimos dez anos de vida brasileira que tal concepção já completou. A nível de ação, garimpar o pedagógico significaria pinçar o que mudou no discurso-crítico, que tentou se efetivar em sala de aula. Aqui, significa garimpar de fato o que acontece efetivamente.

De acordo com Araújo em relação ao termo “garimpar o pedagógico”, é ver, observar, identificar o que está acontecendo na sala de aula, ou seja, na aula do professor, e principalmente quando se trata em aulas diferenciadas e lúdicas. Além de tudo as evidências de trabalho didático metodológico realmente estão comprometidas com as lidas do professor enquanto profissional. E quando fala em pinçar, se refere em estar atento nas novas didáticas e trazer para a sala de aula um discurso novo daquilo que acontece na política da aula. Conforme (BOURDIEU E PARSEON, p. 14) afirmam:

[...] toda a cultura escolar é necessariamente rotinizada, homogeneizada e ritualizada. Os exercícios repetidores são estereotipados e têm como finalidade a criação de habitus. Todo o habitus a inculcar, seja ele conservador ou revolucionário, engendra um trabalho escolar que visa a institucionalização. Tem que haver sempre um programa, isto é, um consenso sobre o modo de programar os espíritos.

Como professor de história na sua maioria das vezes promove a homogeneização das atividades escolares e entre tantas experiências desenvolvidas em sala de aula destacam-lhes algumas práticas escolares pedagógicas que norteiam a filosofia de uma aula tradicional em momento divertido de aprendizagem, para vários professores as aulas desordem, de bagunça, sem rendimento, mas, se transformaram em espírito lúdico as diversas e diferentes atividades de história em rendimento e conhecimento e a filosofia dos discentes melhorou em número e grau. Seguem algumas das práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula:

1) O Teatro na Sala de Aula.

Na imagem a seguir o grupo planeja os ensaios e discutem a distribuição das partes para cada um (o rosto dos alunos foi alterado por vias legais em todas as fotos do artigo).



A organização do teatro nas aulas de história segue uma metodologia. A sala de aula é dividida em grupos e cada grupo escolhe um líder e vice-líder para coordenar os trabalhos na montagem da peça teatral. Todos os membros do grupo assumem um papel de ator na peça teatral.

Os alunos separam os textos e itens do capítulo do livro didático e os transformam em teatro. Cada grupo redige o texto com as palavras dos atores, com base no que consta no conteúdo do capítulo apresentado no livro. Cada ator recebe um nome vinculado ao texto. Quando se trata de Presidentes da República um dos atores assume o papel de Presidente. Em cada peça teatral os alunos trabalhavam o tema “Paz”, como tema transversal. Por mais que o capítulo do livro trata de guerras, conflitos também existiam momentos de paz. Porque a maioria das guerras eram enfrentamentos de poder e políticas de conquistas territoriais.

Na ilustração fotográfica a seguir mostra uma campanha presidencial no período democrático, e a apresentação foi de grande estilo.



A sala de aula se transforma em palco. Os alunos assistem uns sentados outros em pé. Os teatros são apresentados no centro da sala de aula.

Pela imagem podemos verificar que o Teatro acontece em forma de educação não formal num espaço de relações de confiança possibilita um novo pensar o mundo. O professor pode resgatar a filosofia e o papel do Ser homem como criador e artista de obras não formatadas, padronizadas ou globalizadas e sim que atendam ao exercício do pensar criativo e da construção de metáforas da realidade.

Em cada aluno ator existe uma expressão teatral e no contexto coletivo, abrange um leque amplo de exercício e aprendizagem: a sensibilização para o uso do imaginário, a entrega à improvisação que traz consigo o mistério do que será o espírito da ludicidade como prática, o abraço a um processo profundo de convivência e alteridade, o diálogo entre a teoria e a prática, o uso da máscara teatral utilizada conscientemente por cima do rosto expressivo do artista, a criação gestual-corporal original, o prazer de transitar entre a fantasia e a realidade com o horizonte das mudanças, etc. Observa a seguir as fantasias de representação do teatro:



Pelas atividades lúdicas trabalha-se a teatralidade do atuante, ator ou jogador, a partir de sua forma mais espontânea (nas temáticas, abordagens de conflitos, construção de cena, etc.). Por meio do jogo dramático, favorece-se o processo de elaboração e articulação de uma linguagem singular onde a estética está presente tanto no processo como no resultado.

Na foto a seguir podemos ver claramente como os alunos assistem dos espetáculos em plena aula de história.



A teatralização promove situações de reflexão coletiva em cima de questões comuns e muitas vezes relacionadas com a realidade local, que irão surgir naturalmente ou mesmo sugeridas durante os teatros desenvolvidos, incluindo as próprias relações do processo de aprendizagem. Algumas destas relações referem-se às do professor-aluno, aluno-aluno, professor-professor, professor-coordenação, aluno-instituição, alunos-funcionários etc.

A representação do teatro é, antes de tudo, a arte da ludicidade do aluno mostrando o seu papel na apresentação. É a arte de colocar na sala de aula uma história que se queira contar através

de atores e cenas organizado em um cenário real e ou improvisado. O ator representa um personagem da história. O teatro em sala de aula tem como objetivo principal a representação com o caráter de lazer, de diversão. Os alunos participam das peças teatrais, montam o cenário relacionado com o conteúdo curricular em estudo. A avaliação dessa atividade é participativa, os atores atribuem uma nota, o professor da sala, e alguns alunos escolhidos aleatoriamente.

A improvisação, essência do teatro-educação, nascido do teatro ritualístico e presente, ao mesmo tempo no teatro contemporâneo é também projeto de uma teatralidade formalizada que pode resultar num espetáculo, encenação ou montagem teatral. Gestos e ações a se renovarem através do tempo e espaço ativos. A improvisação nos permite atualizar e fazer se presente, através de intenções estéticas, o que somos no momento em que somos. O teatro cumpre também um papel social importante como prática de cidadania e participação.



Pelas apresentações teatrais os alunos perdem a timidez, vergonha, falar em público e outros sentimentos. Veja o que a aluna afirmou: “Eu aprendi a falar aos meus colegas coisas que estudei, e além de tudo fiz um papel legal no teatro. Perdi o medo e a vergonha de ler na minha igreja. Estou feliz com os nossos teatros”. (N. S. 6ª série 2007, 2008). Considera-se relevante a colocação da aluna (N. S.) entendendo que o teatro proporcionou essa partilha como objeto de libertação e se livrou da opressão que carregava por muito tempo, e também como aporte significativo do teatro à nossa cultura, mostra o fato da interferência no cotidiano através de mensagens e conteúdos que, como mostra a História ao longo dos séculos, tem participado de mudanças e movimentos sociais importantes, assim como, contribuí imensamente nas questões existenciais, filosóficas e político-sociais de forma polêmica e efervescente.

Outra colocação de uma estudante já no Ensino Superior no dia que apresentou a pesquisa, afirmou: “graças aos teatros, paródias e danças que fizemos na Escola, perdi o medo de apresentar trabalhos e pesquisas na Universidade, e consigo transmitir segurança aos meus colegas tudo aquilo que aprendi durante a pesquisa. Livrei-me do medo e da timidez...” (R. S. 1º semestre, Letras, 2009). Fica evidente que a prática de teatro gera uma maturidade e desenvoltura notável na vida do estudante.

A linguagem do teatro é uma das primeiras manifestações artísticas da nossa civilização. Arte essencialmente poética e lúdica, capaz de integrar outras linguagens. O teatro também se vincula sabiamente à Educação, constituindo-se numa proposta experimental de construção do real e das relações humanas.

Podemos, então, diante de uma platéia denunciar angústias, dores, insatisfações, assim como a crítica diante de conflitos sociais. Podemos, também, celebrar a vida e contagiar centenas de olhares que escutam cada som e tocam com o olhar cada gesto do ator na peça.

2) Dançar em sala de aula.

O professor tem discutido a dança e sua introspecção no espaço escolar, a melhor forma desta atividade lúdica ser ensinada e desenvolvida em qualquer disciplina curricular tanto em: Português, Matemática, Geografia e História, bem como os benefícios e as qualidades que a mesma proporciona no ambiente da escola. Contudo, apesar da evolução deste debate ainda é possível observar o grande descaso que a dança está sofrendo na rede de ensino brasileira.

Conforme imagem a seguir pode-se observar os alunos dançando na aula de história representando uma dança árabe retratando o conteúdo estudado.



Outra forma de avaliar os discentes em sala de aula é através de danças representadas nos conteúdos curriculares de história. A ingressar na escola o aluno já traz consigo um conhecimento amplo a respeito de seu corpo, mas muitas vezes não foi despertado. O professor deverá saber aproveitar esses conhecimentos e, a partir deles, promover novos conhecimentos mais complexos.

Veja um grupo de alunos fazendo uma dança de rua, conforme o texto do livro didático.



O aluno no ensino básico necessita de experiências que possibilitam o aprimoramento de sua criatividade e interpretatividade, com atividades que favoreçam a sensação de alegria. Nas aulas de história os alunos escolhiam músicas que se enquadravam no contexto estudado. Essas músicas eram tocadas por CD, e os alunos realizavam os seus ensaios. Depois de ensaiado a dança era apresentada ao professor e aos alunos. Avaliado por alunos da sala e pelo professor.

3) Paródias em sala de aula.

O elemento lúdico é de tal modo inerente à poesia, todas as formas de expressão poética estão de tal modo ligadas à estrutura do jogo, que é forçoso reconhecer entre ambos a existência de um laço indissolúvel. O mesmo se verifica, e ainda em mais alto grau, quanto à ligação entre o jogo e a música. Salientamos num capítulo anterior que em diversas línguas se chama "jogo" à manipulação dos instrumentos musicais, como na língua árabe, por um lado, e por outro, nas línguas germânicas e eslavas. Dado que dificilmente poderia atribuir-se a uma influência ou a uma simples coincidência esta identidade entre oriente e ocidente, torna-se necessário supor a existência de alguma profunda razão psicológica, para explicar esse símbolo tão claro da afinidade entre a música e o jogo. (HUIZINGA, 2000, p. 115).



A utilização da paródia na poesia e musica na sala de aula é atraente e os estudantes adoram e gostam. É outra forma de avaliar os conhecimentos dos discentes. Pode despertar nos alunos o interesse e a sensibilidade poética, instigando a vontade de ler e escrever poesia, e tornar criativas as abordagens das aulas de história. Ler ouvir música e poemas é o ponto de partida para qualquer trabalho com poesia na escola. Na aula de história dividia a turma em grupos e pedia a cada grupo se apropriar de uma parte do conteúdo estudado e transformá-lo em paródia, com ritmo de uma música. Os estudantes ensaiaram a atividade de depois era apresentado e avaliado pelo professor e alunos.



Em suma podemos observar que a escola é o local para incluir todos respeitando a diferença de cada um, e envolver os alunos em atividades lúdicas é um ato criativo e depende de cada professor, em superar os medos em pensar que nada dá certo. A inclusão passa pelo currículo da

escola perpassa todas as práticas, construções e relações pedagógicas que vão ao encontro de cada aluno. Necessariamente o currículo deve ser discutido por todos os segmentos da escola. Já que na maioria das vezes o currículo só reproduz em parte o aparelho ideológico do Estado, porque tudo vem pronto até os textos nos livros didáticos preservando a hegemonia do Estado.

Através de estudos e análises em Pierre Bourdieu (1998) o espaço institucional de transmissão, aquisição produção de saber configurado como “escola”. Surge na sociedade como espaço marcado por uma rigorosa divisão social do trabalho entre classes desiguais e onde o exercício social do poder do Estado, através de um ensino carregado de intenções, socialmente formatado e orientado a reproduzir as desigualdades, tendo em vista o interesse dominante de oferta desigual do saber, como instrumento de seletividade. Desse modo, o acesso dos saberes socialmente definidos como conteúdos curriculares contribuía para a transformação das diferenças de saberes em desigualdades, num contexto político e social em que os saberes oficiais são os saberes demarcados como “certos”, de acordo com o paradigma da ciência dominante.

Minimizar as dificuldades ou imputá-las deste modo àqueles que vivenciam é criar um obstáculo ao conhecimento rigoroso dos problemas dos estabelecimentos escolares. É contribuir para a desmoralização daquelas cujas condições para o exercício de sua profissão. A polarização a respeito do prolongamento das escolaridades em detrimento das condições de ensino, e a criação de uma concorrência imprudente entre estabelecimentos escolares que enfrentam dificuldades muito desiguais parece ter contribuído muito para concentrar e agravar os problemas nos lugares aos quais está presente cada dia mais relegados ou mais desfavorecidos.

A educação escolar contribui no crescimento econômico, mas não gera por si só, um papel preponderante da educação para o desenvolvimento social e econômico do Brasil. A solução da educação escolar em práticas e passar por uma inversão social com as altas taxas de retorno. A sociedade como para os indivíduos, aspectos fortalecem a história do desenvolvimento da nação, com êxito e crescimento que não realizam apropriadas as inversões ao longo da educação, e outras, de atraso e baixo crescimento econômico, que tem um baixo e descontínuo nível de distribuição de capital na educação.

Como Paulo Freire (2002), sustentava o argumento que, educar as pessoas para reduzir a pobreza, necessita reduzir a pobreza para educar as pessoas. Não cabe a grande dúvida de que há uma relação estreita entre a ignorância e pobreza, entre ignorância e subdesenvolvimento, por conseguinte a educação resulta indispensável lucro econômico harmônico e de qualidade.

REFERENCIAS:

APPLE, Michael W. **Educação e Poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ARAUJO, José Carlos Souza. **Sala de aula ou lugar de veiculação do discurso dos Oprimidos.** In BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação.** Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (Organizadores), Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BOTH, Sérgio J. **Teatro em sala de aula.** 2005, fotografia color, 16 cm x 56 cm.

BOTH, Sérgio J. **Dança em sala de aula.** 2005, fotografia color, 16 cm x 56 cm.

BOTH, Sérgio J. **Paródia em sala de aula.** 2005, fotografia color, 16 cm x 56 cm.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 23. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs). Brasília: MEC/SEF, 2000 e 2001.

<http://jnsilva.ludicum.org/HuizingaHomoLudens.pdf>.

<http://www.lusosofia.net/textos/rosendoanapaulaareproducaoelementosteoriadosistemaensino.pdf>.